

EVELYN MARQUES

TODAS AS LETRAS QUE SONHEI



CONTOS, TEXTOS E POEMAS

Todas as Letras Que Sonhei

Poesias, Contos e Textos

por Evelyn Marques

© 2024

NOTA DA AUTORA

O Sonhos de Letras surgiu em com a intenção de expandir minha criatividade além das webnovelas (hoje popularmente mais conhecidas como “fanfics”) que eu postava no Orkut. Desde a minha adolescência comecei a sonhar a viver de escrita, viver de criar histórias e de colocar no mundo tudo o que eu tinha a dizer e o blog foi o primeiro caminho que encontrei para começar a realizar esse sonho – daí o nome Sonhos de Letras. Não sabia ao certo aonde poderia chegar, só sabia que queria lançar livros e viver de fazer literatura. Para isso, eu tinha consciência de que precisava evoluir muito a minha escrita e o blog foi também um meio de seguir praticando com frequência.

O mundo mudou e blogs agora não estão mais na moda e costumo ouvir com frequência de que “ninguém lê mais nada, só vê vídeos”. Talvez haja alguma verdade nessa frase, porém eu ainda acredito que há espaço para a leitura no mundo das redes sociais, por isso, me recuso a parar definitivamente de escrever, ainda que fique desanimada e tenha longos bloqueios criativos de vez em quando.

“Todas as Letras Que eu Sonhei” é um copilado dos textos, contos e poemas que postei no Sonhos de Letras nos últimos dez anos e que agora estão aqui reunidos em um singelo livro, tanto para os novos leitores que não tiveram a oportunidade de acompanhar meu trabalho desde o começo, como para aqueles mais antigos que seguem me acompanhando e acreditando nas histórias que tenho para contar.

Espero que esses contos, textos e poemas possam ajudá-los a continuarem sonhando, nesse mundo onde cada vez parece haver menos espaço para o amor e para os sonhos.

São mesmo tempos difíceis para os sonhadores, mas se não sonharmos, meus amigos, quem sonhará por nós?

Sumário

POESIAS	8
CONTOS	36
TEXTOS	52
SOBRE A AUTORA.....	68

POESIAS

SOMBRAS AO VENTO

Nós costumávamos ser tão radiantes e alegres
Como um arco-íris projeto pela luz do sol
Como lindas e intermináveis estrelas no céu
Tão perfeitos e de qualquer pecado isentos
Mas agora somos apenas sombras ao vento
Gritando contra todas essas paredes
Eu me encontro aqui
No meio do turbilhão de todo este sentimento
Lembrando-me de quando acreditava que passaríamos a vida juntos
Como um só elemento
Mas agora somos apenas sombras ao vento
Nós estamos desvanecendo no tempo
Tão, mas tão cansados de tentar!
Nós estamos desvanecendo no tempo
Como simples sombras ao vento
Engolidos pela areia-movediça dos dias e das horas
Arrancamos de volta cada pedaço de nossas memórias
As mesmas mãos do destino que nos fazem cair mais e mais
Também me fazem prometer que não entregarei meu coração nunca mais
E dessa vez...
Ah, dessa vez!
Dessa vez acabou.
E agora é para sempre.
Porque agora não passo de uma sombra ao vento
Desejando encontrar algo que me traga alento
Agora não somos nada além de dois navios sobre o mar
Tentando de tudo para não naufragar
O nosso lindo sonho se tornou um tormento
Nós nos tornamos apenas sombras ao vento.

25 de Abril de 2013

MAR NEGRO

Teus olhos me retêm.
Em teus olhos eu fico presa.
Um segundo é o bastante para saber,
Para ter a plena certeza
De que me afogaria nesse mar negro
Sem medo da correnteza.

7 de Maio de 2013

OLHA SÓ, QUE AZAR!

Coloquei meu melhor vestido
Aquele branquinho, estampado com flores azuis.
Coloquei meu melhor vestido e um par de sandálias brancas para combinar
Tudo, tudo para ver meu amor passar
Mas, olha só, que azar!
Por aqui você não veio andar.
Coloquei um banco frente à porta de casa e almofadas comecei a estampar
Tudo para que você visse a boa esposa eu poderia dar
Eu costurei, costurei, costurei
E a tarde inteira esperei
Mas, olha só, que azar!
Por aqui você não veio andar.
Eu compus uma canção de amor
Compus uma canção inspirada em seu sorriso
Que por inteira me faz arrepiar
Peguei o violão, dedilhei algumas notas
E até me arrisquei a cantar
Tudo apenas para que você pudesse me notar
Eu compus uma canção e esperei você passar
Mas, olha só, que azar!
Por aqui você não veio andar.
Alguns rapazes passaram
Outros até mesmo pararam
Pararam e perguntaram
O que uma moça de vestido branco com estampas de flores
Fazia todo dia ali sentada
Seja com um violão ou com uma almofada
Na frente da porta de casa.
Eles sim passaram
E também pararam
Pararam e me chamaram para sair
Assim, sem compromisso
Assim, sem rebuliço
“É apenas um convite”, diziam eles “que pode a sua vida mudar”.
“Oh, não!”, respondia com delicadeza. “Muito obrigada pelo convite, senhor, mas eu não posso ir.
Não posso sair daqui, pois o meu amor está por vir.”
Um a um, eles desistiram
E em conquistar meu coração não mais insistiram
Porque, olha só, que azar!
Por uma moça apaixonada eles foram se apaixonar.
Naquela pequena cidade do interior
Um rumor sobre minha história não tardou a começar
Um rumor sobre uma moça que por um impossível amor
Para sempre iria esperar.
Tapei meus ouvidos
Recusei-me a escutar
Pois as palavras do povo eram apenas ruídos

Que jamais poderiam me afetar.
O tempo não tardou a passar
Eu continuava costurando, costurando
Ou dedilhando e cantando
Sem parar
Fiz de tudo para o tempo matar
Mas, olha só, que azar!
Por aqui você não veio andar.
Foi em uma tarde de abril
Que a vida novamente resolveu me sabotar
Você reapareceu com seu sorriso, seu andar, seu olhar
Na exata hora em que meu estômago começou a gritar
Um minutinho com certeza não iria atrapalhar
E para a cozinha fui cozinhar
Mas, olha só, que mundo vil!
Depois de tanto esforço, você nem me viu.
Essa é a história que tenho para contar
Da menina que desesperou de tanto esperar
Da menina que, com fome, resolveu cozinhar
E deixou de ver, mais uma vez, o seu amor passar.

27 de maio de 2013

VAGALUME

Hey, vagalume
Traga de volta o meu amor
Voe junto com o vento para longe
Até o tempo transpor.
Hey, vagalume
Não se esqueça de brilhar
Quando na janela dele pousar
Permita sua beleza enfeitiçar.
Vivendo neste planeta Terra
Só vemos ódio, dor e guerra
Não seria a coisa mais bela
Acordar com um vagalume na janela?
Então, por favor, vagalume
Segure em suas mãos quando o encontrar
Seja atencioso e ensine-o a voar
Para que ele possa à mim voltar.
Eu estarei aqui esperando
Tentando segurar o meu pranto
Eu estarei aqui esperando
E a ele sempre amando.
Por favor, vagalume
Traga o meu amor assim que começar o dia
Traga o meu amor para a minha alegria
E livre-me desta vida vazia.

5 de julho de 2013

CASINHA DE COBERTORES

Vamos criar uma casinha de cobertores.

Nesta noite gelada de agosto, vamos pegar todas as mantas e edredons do armário e colocá-los sobre duas cordas de varal, que cruzam uniformemente o quarto.

Vamos brincar de ser criança, de ser feliz.

Vamos criar nosso mundo particular, com tudo o que a gente sempre quis.

Vamos pegar travesseiros, fronhas, lençóis e tudo o que for necessário para construirmos nosso cantinho.

Prometo que seremos apenas eu e você.

Seremos eu e você como sempre deve ser.

Vamos criar uma casinha de cobertores.

Assim mesmo, bem simples.

Um pouco enrolada e desengonçada.

Um pouco embolada e bagunçada... Mas muito, muito adorada.

Venha, não tenha medo.

É apenas uma brincadeirainha.

Me dê a mão e não tenha medo.

Eu jamais o deixarei sozinho. Jamais o deixarei perdido.

Deixemos celulares, notebooks, telefones ou qualquer outro objeto que emita um ruído que possa atrapalhar este momento.

Deixemos máscaras, armaduras e as enormes muralhas.

Deixemos o mundo.

Deixemos a falsidade e a mediocridade. Porque em nossa casinha de cobertores só é permitida a verdade.

Apaguemos as luzes. Assim será melhor.

Será mais fácil desnudarmos nossas almas.

Será mais fácil ouvir-lhe os lamentos, os sofrimentos e os tormentos que vêm maltratando o seu coração durante todo esse tempo.

A claridade pode ser cruel demais.

Ela mostra para quem quiser ver um par de olhos lacrimejantes, um rosto vermelho e uma postura curvada que nada tem de elegante.

Por isso, em nossa casinha de cobertores não pode haver claridade.

Apenas eu e você em nossa máxima vulnerabilidade.

Há estrelas.

Há estrelas no teto de nossa casinha de cobertores e está quentinho.

Há estrelas no teto de nossa casinha de cobertores e minha mão morna encontra a sua enquanto as palavras brilhantes que saem de sua boca vão formando mais estrelas.

Cada palavra é uma dor. E cada dor é uma estrela.

E há milhares de estrelas no teto de nossa casinha de cobertores.

As horas passam, a respiração pesa e você adormece.

Meus olhos velam com amor seu sono tranquilo ao mesmo tempo que deslizo inocentemente minha mão pelo seu corpo, oferecendo toda a afeição que sua alma carece.

Coloco emocionada meus dedos sobre seu coração e faço uma prece.

Rezo para que os anjos ouçam o meu apelo e cuidem de seus sentimentos com bastante zelo.

Rezo para que possa encontrar alguém que o ame de verdade.

E que, um dia, essa verdade possa ser eu.

Rezo.
Rezo.
Rezo.
Até toda a dor passar.
Rezo até o amor triunfar.
O meu amor.
O meu amor por você.

Vamos criar uma casinha de cobertores.
Uma hoje, uma amanhã, uma todos os dias.
Uma assim, sem compromissos, sem dissabores.
Uma assim, de brincadeira; assim, de bobeira.
Uma casa, uma ilusão, sempre de portas fechadas à realidade.
Uma casa onde jamais entrará a saudade.
Uma casa onde estrelas substituem as dores.
Uma casa só nossa.
A nossa casinha de cobertores.

20 de agosto de 2013

O SILÊNCIO DA MADRUGADA

Existe algo no silêncio da madrugada
Uma esperança sutil, a paz encontrada
Talvez seja apenas essa presença do nada
Que tranquiliza a mente e me deixa inspirada.
Não há carros, não há ônibus
Não há barulhos, não há incômodos
Não há escolas com suas crianças agitadas
Existem apenas insones no silêncio da madrugada.
A noite esconde, mas o calar de vozes delata
O suspiro de um trabalhador esgotado
E a lágrima da mulher largada
A dor é densa antes do início da alvorada
Os sofredores se revelam no silêncio da madrugada.
Às vezes surge o latido de um cachorro ou o miado de um gato
E também o grito bêbado da vizinha do 104
Mas no geral respiro aliviada
Por poder criar sem ser incomodada.
O mundo fecha os olhos enquanto permaneço acordada
E obedeço às histórias que pedem para ser contadas
A insônia é sempre minha maior aliada
Quando crio vidas no silêncio da madrugada.

12 de Setembro de 2013

O DIA DOS MAIAS

Se o mundo acabasse mesmo antes do amanhecer
Como aqueles Maias fizeram crer
Já no começo da noite
Pedidos e mais pedidos de arrependimento Deus iria receber
Pois no inferno ninguém quer perecer.
Se o mundo acabasse mesmo antes do amanhecer
Alguém duvida que os restaurantes iriam encher?
Pois no último dia de vida
Uma pizza todos querem comer
Ou a última cerveja beber.
Afinal, o que teriam a temer?
Se for pra morrer, que seja com prazer!
Pessoas estranhas, lamentos arrependidos
Unir-se-iam num único choro, num único sentido
Morreriam abraçadas sem nunca terem se conhecido
Ah, que ironia deste mundo esquisito!
No último minuto do planeta
Os seres humanos finalmente estariam unidos.
Se o mundo acabasse mesmo antes do amanhecer
Atrás de seus sonhos pessoas iriam correr
E num período de 12 horas iriam enlouquecer
Pois já não daria tempo de nenhum gênio da lâmpada aparecer
Para realizar qualquer querer.
Mas eu? Como iria proceder?
Não há dúvidas, é muito fácil de responder!
Se o mundo acabasse mesmo antes do amanhecer
Tudo o que eu iria fazer
Seria beijar seus lábios antes de morrer
E morreria de vez ao dizer
O quanto sempre estive apaixonada por você.

5 de Outubro de 2013

(DES) INSPIRAÇÃO

Você só aparece quando não te quero
Na rua, no mercado, no chuveiro
Às 3 da manhã
Quando estou de olhos fechados
E geralmente quando não espero.
Aparece carregada quando somem canetas
Quando desaparecem cadernos, lápis ou
Qualquer instrumento usado para compor letras.
Aparece quando tenho sono, quando os olhos ardem
Quando a coluna grita e a dor invade
Cadê você às 3 da tarde?
Cadê você quando grito desesperada
Ou morro de saudades?
Minhas gavetas estão abertas
Onde está você?
Já sei! Foi procurar outro escritor para aborrecer!
Me deixou aqui sozinha, vazia
Completamente à sua mercê!
Por que você só aparece quando não te quero?
Por que você só aparece quando não espero?
Trabalhos a fazer, prazos a cumprir
Toda uma vida para resolver
Para desenvolver
E você não está aqui!
Qual é a graça de ficar sempre nesse ir e vir?
Você se acha tão importante
Tão brilhante e engraçadinha
Que nem notou, nem conseguiu ver
Que eu acabei de fazer um poeminha
Mesmo sem você.

1 de Novembro de 2013

OCEANO PACÍFICO

Azul da cor do mar
São os olhos
Onde para sempre
Escolhi navegar
Tão imensos e profundos
Como o Oceano Pacífico
Onde em paz
Aqui fico.

27 de Dezembro de 2013

OLIMPÍADA DA ANSIEDADE

A ansiedade está por todo o lugar.
O mundo corre pelas ruas de nossas casas
O sono escapa, fugindo de nossas camas
Trabalhamos e trabalhamos sem parar
Sem perceber todo este drama.
Ansiedade da Síndrome do Pensamento Acelerado
Ou o de pernas se remexendo na cama antes do sono pesado.
Damos nomes a todas as vertentes desta insanidade
E cada vez mais ela esmaga nossa sociedade.
Ela está aqui.
Não consigo escrever, não consigo dormir.
Minhas amigas só correm, trabalhando por aí
Apenas 22 anos e já com responsabilidade
De construir bases para uma vida de verdade.
Somos todos corredores da Olimpíada da Ansiedade.
Vivemos 1001 vidas diariamente
Esgotando nossos corpos, entupindo nossas mentes.
Quando iremos perceber a realidade à nossa frente?
Somos todos robôs ao invés de gente.

28 de Março de 2014

AMOR BAIXINHO

Amor para mim
Tem que ser amado assim
Baixinho, baixinho...
Amor para mim
É trocado em silêncio
Shh! Shh!
Quietinho, quietinho...
Amor gritado aos 4 ventos
Se transforma em tormento
E sempre acaba em lamento.
Esse amor de momento
Chave estranha
Que abre, torce e retorce
Todas as entranhas.
Amor bom é o baixinho.
Chega com calma e destreza
Tudo vira, revira e anima
Sem que você perceba.
Quero um amor baixinho
Que saiba à minha alma chegar
Aos pouquinhos, devagarinho e quietinho
Para baixinho me amar.

16 de maio de 2014

ÁGUA-VIVA

Triste e solitária água-viva
Asquerosa demais e nunca querida.
Perigosa demais mesmo quando distraída.

E se você a tocar
Ela com certeza irá queimar
Sua pele, seu estômago, seu ar
Mesmo sem escolha, mesmo sem notar.

Quem neste mundo poderá amar
Esta triste e solitária criatura do mar?

18 de Junho de 2014

3 RELÓGIOS

3 relógios parados
3 relógios a serem reparados.
Já faz muito
Os ponteiros aposentaram o seu bailado.
Já faz muito
Os relógios continuam ali
Completamente largados.
3 relógios parados
Sobre uma prateleira esquecida.
Mas ela jura
Jura que irá consertá-los
Um dia, quem sabe,
Numa tarde de maio
Numa noite de estrelas caídas
Um dia, quem sabe, talvez
Assim que conseguir consertar sua própria vida.

16 de Setembro de 2014

CLARIDADE

A claridade me cansa
Me vence
Me avança.
A luz me adoenta
Me enche
Me entope
De barulhos divergentes
À gritos de crianças.
A claridade nunca está sozinha.
Vem acompanhada de sons
De dores
De fortes tons de cores.
É tudo muito brilhante
Muito gritante
Muito excruciante
A claridade parece sorrir a todo instante.
Tenho olhos grandes, mas não possuo cortina.
Sou invadida
Quebrada
Arrebentada
Cada vez que tento olhar o mundo
Nas primeira horas da matina.
Como as pessoas conseguem
Viver
Crescer
Vencer
E morrer
Sem sentir nenhuma dor na retina?
A claridade me derruba
Antes mesmo que eu levante
Coisa de gente
Sem qualquer lógica restante:
Morro de medo do escuro
E acho a luz extremamente irritante.

26 de Novembro de 2014

O BALÃO

O fitilho escorrega da mão
Vai subindo
Vai subindo
Vai subindo o balão.
A menina grita
Chora
Briga
Deita no chão
Enquanto vai subindo
Vai subindo o balão.
Pequenas pernas não conseguem pular
Por mais que tente, o balão
Não consegue alcançar
Foi apenas um segundo
Um segundo a brincar
E agora o balão sobe
Sobe
Sobe sem parar.
Ela sabia
Não seria para sempre
Balões minguam,
Murcham
Morrem
Sobre o chão a esvaziar.
Balões viram ar
Quando deixam o ar entrar.
Isso muito não poderia durar
Mas todos pecamos pela mania de sonhar.
Ela e o balão, lado a lado
Juntos deveriam estar.
Em poucos ou longos dias
O veria acabar
Gradativamente
Numa despedida comovente
Até o tempo os separar.
Mas o fitilho escorregou
Antes que uma história de amor
Pudesse começar.
Bonitas esperanças
Flutuando pelo ar
Sonhos de criança
Sempre tem prazo pra acabar.
Ela ainda permanece
Exatamente no mesmo lugar
Enquanto o balão sobe
Para nunca mais voltar.

SONHOS DE ESPUMA

Quando criança, tinha sonhos de espuma.
Sua pequena mente criava grandes coisas.
O algodão doce era uma nuvem que se podia tocar.
As borboletas eram flores renascidas que aprenderam a voar.
Árvores eram as avós que morriam e se recusavam a seus netos abandonar.
Quando criança, o mundo era o seu lugar.
Cantava com os pássaros na primeira hora da manhã.
E um dia até casou um sapo com uma rã!
Folhas caídas do outono eram presentes do vento
Que largavam qualquer ventania para vê-la desfilar.
Quando era criança acreditava ser dona do mar.
Acreditava ser dona de tudo, até a mocidade chegar.
Então eles entraram.
Chamaram-na de boba, estúpida, imatura, cheia de muitos sonhos, sem noção de espaço e tempo.
Afinal, como pessoas poderiam falar com o vento?
Teve que aprender com os grandes a conviver, a grudar os pés no chão, a estourar as mais belas
bolhas de sabão, a abrir tantos buracos em si até só sobrar espaço para a solidão.
Deram-lhe a receita de como matar-se para renascer, mas nenhuma asa de borboleta em suas
costas esboçou crescer.
Quando criança, tinha grandes sonhos de espuma.
Agora era apenas adulta.

10 de Junho de 2015

MACACOS, ARANHAS E CALANGOS

Sua atenção me faz querer voltar.
Minha solidão é labirinto e só em círculos consigo andar.
É desejo torpe.
Você, meu anseio, seu olhar.
É só a tal da atenção. Eu juro.
Quem dirá o primeiro 'olá'?
Somos evoluídos, os mais evoluídos dos vivos.
Mas quando se trata de mistura
Nos colocamos a dançar, a gritar
A mostrar nossas melhores cores
Tudo para uma mínima atenção conquistar.
Não somos diferentes dos macacos, das aranhas, dos calangos...
Sabemos falar, mas isso alguma vantagem nos dá?
É sempre o silêncio que escolhemos
E como bichos insanos
Investimos nos corpos para nos comunicar.
A verdade é que o quero e o quero mais do que posso explicar.
Mas como todo animal iniciante
Basta a ameaça de um olhar penetrante
Para dar meia volta e passar toda uma vida
Apenas desejando regressar.

1 de Agosto de 2015

O BALÃO II

O balão, o balão
Onde será que agora está?
Será que continua subindo
Continua sem parar?
Depois de todo esse tempo
Em que mundo foi se encontrar?
Minha criança ainda chora
Chora, chora sem parar
Não por ter perdido ele
O primeiro que conseguiu amar
Ela ainda chora
Chora, chora sem parar
Por não poder no céu
Junto ao balão
Voar.

14 de Agosto de 2015

CABELOS DEMAIS

Para todas as mulheres que já sofreram preconceito por causa de seu cabelo

Cabelo ruim
Ruim como mulher com vontade
Mulher dessas de garra
Que não temem dizer a verdade.
Ruim, cheios demais
De personalidade demais
Mulher que sempre quer mais
Mulher que é mulher demais.
Cabelos, pelos, anseios
Tudo ruim, exagerado
Tudo errado
Nesse corpo pequeno
De mulher incapaz.
Eles dizem, repetem
E não quero escutar!
Não sou obrigada a escutar!
Cabelo, cabelo ruim
Como assim?
É meu cabelo
Meu cabelo de mulher
De grande mulher
Que pode e que vai
Ser feliz
Ser feliz
Demais!

8 de Março de 2016

POR TRÁS DA PORTA

Por trás da porta está minha casa
Minha casa cheia de palavras.
Sou formada por contos, romances
Biografias, ensaios, poesias
E todas, todas essas coisas que
Em alguma biblioteca caberia.
Nasci sendo palavra, mas palavra não posso ser.
Me dizem
“Pequena criança
O mundo não é como você vê!”
Será?
Já enfrentei dragões, percorri longas estradas
Já fui príncipe, já fui princesa
E até vilã de mim mesma.
Já vi muita coisa e muita coisa quis desver.
Já me neguei, me nego
É verdade, ainda me nego
Por causa daqueles que amei.
Por trás da porta está minha casa
Minha casa cheia de palavras.
Não vou mais arrumar os móveis
Esconder as falhas ou para debaixo do tapete varrer
Tudo o que me forma, tudo o que eu preciso ser.
É na bagunça que se faz a escrita.
Não quero mais me esconder.
Eu nasci sendo palavra
E de letras quero morrer.

13 de Abril de 2016

SIGO (AOS POQUINHOS)

Aos pouquinhos vou indo.
Ainda é pesado, ainda dói
Mas sigo.
Sigo não sei de que jeito
Por que ou de que forma
Mas sigo.
Sigo porque talvez exista um lugar
Do outro lado do oceano
Talvez exista algo ou alguém
Me esperando.
Sigo porque já tentei morrer
e nem isso me fez feliz.
Sigo porque a saída é
Viver a vida
Agora.
Aos pouquinhos vou indo.
Devagar, bem devagar
Para algum lugar
Quem sabe
Para alguém...
Sigo.

17 de Fevereiro de 2017

O MICROFONE

Aconteceu no passado
Quando eu tinha cinco anos
No coral da minha igreja.
Um microfone na minha frente
E uma grande vontade de cantar.
Eu era pequena
Muito pequena
Então levantei
Me coloquei na ponta
Dos pés
Pus a boca sobre o microfone
E cantei.
Foi apenas uma frase
Uma pequena frase
Tão pequena quanto eu.
Foi apenas uma frase
Talvez não pequena o bastante
Para evitar os olhares ruins
De outras pessoas
Talvez não tão pequena
Pois a menina mais velha
Ao meu lado
Me pegou pelo braço
E disse:
Garota,
Você não deve se levantar
Você não deve falar
Sobre o microfone
Garota,
Você não deve levantar
Sua voz.
Como a boa menina
Que fui educada pra ser
Me calei e sentei.
Desde então
Eu não consigo levantar
Eu não consigo falar
Nada consigo pronunciar
Cada vez que chego perto
De um microfone.
(Não sou mesmo uma boa menina?)

15 de Maio de 2017

VAMOS FAZER UM ACORDO

Me leve embora desta praia.
Vamos usar um ao outro.
Você me leva embora desta praia e eu
realizo todos os seus desejos.
Vamos fazer um acordo:
Apenas diversão, nunca ir além da paixão
Apenas um fim de semana correndo pelas calçadas
Ou subindo montanhas para alcançar estrelas.
Para você, digo sim para o que for.
Veja, eu não posso deixar de amar o mar.
Já faz 300 anos, múltiplas vidas e ainda sigo aqui
Sentada na areia desta praia
Desejando ardentemente pertencer a algo
Que não fará nada além de me afogar.
Já faz 300 anos, múltiplas vidas
E ainda espero que brânquias brotem em minha pele
Para que esta ânsia chegue ao fim.
Mas milagres não acontecem.
Eu sei disso.
Porém sigo esperando
Mesmo após 300 anos e múltiplas vidas.
E já não aguento mais tanto esperar!
Você poderia me ajudar?
Poderia pegar em minha mão
Devagar, gentilmente
Sorrir aquele sorriso, me preencher com seu olhar
Contar uma piada de mau gosto em meu ouvido
E me levar para longe do mar?
Vamos fazer um acordo:
Apenas diversão, nunca ir além da paixão
Pois se eu conseguir respirar
Longe das ondas, do azul, do sal,
Nem que seja por um par de dias
Nem que seja por algumas horas
E sentir meu corpo livre da dor
Eu juro, meu garoto
Para você, digo sim para o que for.

29 de Setembro 2019

CONTOS

Uma imagem.
Uma imagem de um homem em uma colina.
Clima fresco e sol ao céu.
Ele olha para cima.
Seus olhos são azuis.
Calmos.
Serenos.
Como o mar em uma tarde de outono.
Uma lágrima cai de seus olhos.
Uma outra gota escapou de seu mar.
Ele lembra dela.
Quem é ela?
Alguém do passado.
Claro!
Pois é sempre o passado que nos faz chorar.
Quem é ela?
Alguém ausente em seu presente.
Por quê?
Não era para ser.
Mas por que não era para ser?
Por que não foi?
Não sei.
Apenas não era para ser.
Será?
Mudança de cenário.
Mudança de imagem.
1969.
Os sinos da igreja tocam.
Um casamento.
Um casal saindo da igreja.
Chuva de arroz.
Felicitações.
Lamento.
Dele.
Apenas dele.
Uma mulher loira com batom vermelho sobre os lábios.
E ele na plateia.
Um par de olhos azuis a observava de longe.
Azuis como o mar.
Como o mar tempestuoso.
Lívidos.
Raivosos.
Um par de olhos azuis e uma mulher com batom vermelho.
Por que ele foi?
Queria vê-la pela última vez.
Mas a que preço?
Vê-la amarrada a outro para sempre em nome de Deus?
Para ele valia.
Naquela hora.
Naquele momento.

Pois tinha fé.
Tinha esperanças.
Tinha sonhos.
Valia, claro que valia!
Por ela sempre valeria!
Por um amor verdadeiro sempre vale.
No último momento ela renunciaria.
No último momento ela desistiria.
Ele sabia.
Ele sabia que, no último momento, ela não casaria.
Bastava olhar.
Era só soltar a mão daquele que jamais poderia amá-la de verdade e olhar.
Apenas um aceno com a cabeça e um olhar para que ele pudesse abrir caminho pela multidão,
pegá-la pelo braço e partir.
Para longe.
Para sempre.
Ela fugiria.
Ele sabia.
Mas não sabia de verdade.
Se enganou.
Ela não olhou.
E dentro de um carro preto com seu novo marido entrou.
O que aconteceu depois?
Ele não lembrava.
O que aconteceu antes?
Ele não lembrava.
Ele não lembrava de mais nada.
Nada.
Todas as memórias reduziram-se a uma só.
Reduziram-se a um momento só.
A um momento em 1969.
O ano que se perdeu.
A mulher da sua vida saindo da igreja amarrada a outro em nome de Deus.
Para sempre.
Retorno de cenário.
Retorno da imagem.
Um homem em uma colina.
Cabelos grisalhos.
Clima fresco e sol ao céu.
Olhos azuis.
Azuis da cor do mar.
Ele olha para baixo.
Suspira.
Memórias.
Era apenas o que teria.
Memórias de 1969.
O ano que levou embora toda a sua alegria.

10 de Junho de 2013

UMA MENINA, UM BALLE E SUA MÚSICA

O grito desesperador está preso em sua garganta.

No meio de um enorme estúdio de ballet, há uma garota encarando seu reflexo no espelho.

Há um par de olhos amaldiçoando seu reflexo no espelho.

A música corre livremente, solta, leve, perfeita. Qualidades que ela não encontra mais. Características que não encontra mais. Ela as perdeu.

Oh, não!

Não...

Ela se perdeu.

A sapatilha rosada é agora apenas mais um calçado largado no ângulo de uma parede. Não tem mais coragem de colocá-la nos pés; não consegue. Porque calçá-las significaria retornar ao inferno particular que tem enfrentado nas últimas semanas. Calçá-las significaria trazer de volta toda a pressão, toda a perfeição que não consegue mais alcançar.

A música continua tocando insistentemente num alto volume, dentre as quatro paredes. Apenas há ela e seu reflexo distorcido no espelho. Apenas há ela e sua alma perturbada, transtornada, atormentada.

Oh, como voltar?

Como retornar?

Como alcançar o ápice dos movimentos leves e milimetricamente executados outra vez?

A vontade ainda está ali, ardente, inclemente, brutalmente pedindo para que ela retorne ao centro do salão e faça o que sabe fazer de melhor: dançar.

Mas como, como voltar?

Como dançar, como bailar?

Como pode de sua mente as críticas apagar?

O silêncio irrompe o salão.

O pequeno espaço de tempo onde uma música termina para outra vir a ser tocada é o suficiente para que ela sinta uma pressão contra o peito. O suficiente para que as notas musicais a abandonem e a deixem-na largada no meio de uma sala enorme, encarando o reflexo dos enormes olhos castanhos.

E isso basta.

É o necessário para que ela se sinta no auge de sua miséria, no centro de sua solidão, largada, desprezada, abandonada.

As pessoas a deixaram. Isso sempre aconteceu. Isso sempre ocorreu. Não é novidade e nunca será.

Já estava mais do que acostumada, não tinha nem mais do que se queixar!

Mas a música? Oh, não, a música não! Oh, não, a música nunca!

As canções sempre estiveram ali. Os passos ensaiados sempre a seguraram de uma forma que qualquer braço humano jamais o fez.

Se a música sempre esteve perto, ao seu alcance, a qualquer instante, por que a estava deixando?

Por que a estava abandonando?

A valsa de Tchaikovsky explode repentinamente contra as quatro paredes. Era sua favorita. A playlist rodava no aleatório e, no momento exato, no minuto exato, seus acordes favoritos preencheram todo o ar.

Ah! Como era bom respirar!

Era um alívio, um nirvana, não sabia como explicar.

Não havia tristeza no mundo que sua música favorita não pudesse curar!

As notas encheram seus ouvidos, revitalizando cada célula apagada e melancólica.

Sua mente retornou 12 anos no passado, quando abriu aquele presente de Natal no dia 25 de dezembro e vislumbrou as belas sapatilhas rosadas pela primeira vez.

Onde vislumbrou toda sua alma refletida naquele objeto pela primeira vez.

Tudo era tão mais fácil. Tudo era tão mais leve, mais brando, mais perfeito.

Era perfeito porque não havia perfeição. Não havia uma meta impossível de ser atingida e tampouco os olhares de desprezo por não conseguir ser quem os outros gostariam que fosse.

Apenas existia uma menina de sete anos, sapatilhas rosadas e *The Sleeping Beauty* fazendo magia com sua alma.

Sua imagem frente ao espelho agora estava de pé. As sapatilhas rapidamente foram tiradas do ângulo de uma parede e colocadas de volta ao lugar que pertenciam: em seus pequeninos pés.

Ela dançou.

Apenas com a valsa de expectadora, deixou-se levar.

Os passos não eram obrigatórios. Não valiam pontos. Não determinavam se ela era merecedora ou não de seu grande sonho.

Existiam duas coisas naquele momento: seu espírito reacendido e a enorme vontade de viver de ballet até o seu último suspiro.

Por isso dançou.

Deixou a pressão de lado, jogou a perfeição para escanteio e dançou.

Voltou ao tempo onde era só uma garotinha de sete anos que descobria a música clássica e suas maravilhas. Voltou ao tempo de inocência, de criança boba e sonhadora que não queria mais arrancar as sapatilhas rosadas dos pés.

E dançou.

Dançou e esqueceu-se da vida. Esqueceu da ansiedade enervante que é viver dia após dia sem saber para onde ir. Da ansiedade enervante que é abrir os olhos e se encontrar parada no mesmo lugar, quando a sensação é de que andou milhões de quilômetros sem cessar.

E dançou.

Dançou e esqueceu-se o que é sentir a pele queimar pela ausência latente de alguém querido. Esqueceu-se de como é acordar com aquele soco diário no estômago, onde a frustração constrói todo um castelo de tijolos pesados. Tijolos que ela pensa não mais conseguir suportar.

Tinha apenas 19 anos, ombros finos e notas musicais sob seus pés.

Dançou e dançou sem parar.

Dançou e esqueceu-se de como se apegar, amar e querer pode ser tão complicado quanto uma equação matemática. Que pode ser tão complicado a ponto do resultado sempre dar zero por não encontrar qualquer outra resposta mais plausível. E que ela sempre seria reprovada quantas vezes fossem necessárias.

Ela dançava e sentia seu corpo planar para longe.

Para longe das mentiras, da dor, da solidão.

Para longe de todos estes sentimentos que ela desprezava sem exceção.

Para longe do fantasma da imperfeição, da vergonha constante, do constrangimento alucinante.

Para uma terra distante. Para um lugar onde só fosse possível viver de música. Onde Tchaikovsky seria seu melhor amigo e comporia uma valsa exclusiva, apenas para seus pés bailarem.

Para um mundo onde a arte era cultivada e venerada por sua beleza e o dom de encantar, não por sua extrema técnica e a perfeição alcançar.

Ela dançava.

Dançava e chorava.

Chorava sem parar.

As lágrimas caíam, mas ela não sentia; não percebia.

Porque seu corpo continuava bailando livremente pelo salão, tocando magicamente cada metro quadrado do chão.

Como largar? Como deixar a música clássica ir embora de sua vida dessa forma? Como largar o seu único sustento remanescente, seu ímpeto fortificante de viver sempre que desejava desfalecer em uma pilha de ossos debaixo da terra? Como deixar sua essência escapulir, fugir, como um monte medíocre de areia escorregando entre os dedos?

Não, isso nunca.

Por favor, não!

Se não havia mais nenhum motivo para abrir os olhos ao amanhecer, a música lhe daria.

Se não havia mais ninguém para dar-lhe um abraço cálido nos momentos desesperadores, a música lhe daria.

Se não havia mais motivos para continuar respirando o ar desta terra tão distinta e estranha à sua alma singular, a música lhe daria.

A música, sempre a música.

E ela jamais, sob qualquer hipótese, sob qualquer circunstância, poderia deixá-la ir embora para viver neste mundo silencioso dos pífios seres humanos.

Era só fechar os olhos.

Era só fechar os olhos e dançar.

E então... Ah!

Então a música estaria lá!

28 de Setembro de 2013

SEM PALAVRAS

Olho em sua direção. Ela não me vê.

Está mergulhada no novo caso que chegou às suas mãos. Reparo como não presta atenção em nada além de seu trabalho, dos papéis jogados sobre a mesa. Escreve, rabisca, sublinha... Anota cada detalhe, cada linha que julga ser importante. A paixão salta de seus dedos. Poucas vezes vi alguém dedicada, tão apaixonada. Pergunto-me como pode deixar sua vida escapar de seu controle para dedicar-se inteiramente a um marido que nunca lhe deu valor.

Continuo observando-a sem que me veja e um arrepio sobe por minha espinha. Corre pelos braços e em seguida desce para as minhas pernas, até me tomar por inteiro.

Ajeito-me na cadeira, fecho o botão do paletó. Respiro fundo e penso se ela não está reparando em meu desconforto. Pode parecer loucura, pois ela nem está olhado. Parece que nem estou presente na sala. Continua afogada nos papéis. Ainda assim, pergunto-me se não estaria apenas disfarçando para não ter de falarmos sobre a tensão que permeia nossos encontros nos últimos meses.

Ângela é muito perceptiva e quando seu olhar captura o meu sinto-me como se estivesse nu à sua frente. Como se pudesse decifrar cada movimento, cada traço de meus pensamentos. E estes são todos para ela. Todos, todos por ela. Mesmo evitando conversar sobre o assunto, sei que tem pleno conhecimento do que eu sinto pela sua pessoa, pela sua alma.

Cruzo minhas mãos sobre o colo e abaixo os olhos. Tenho de fazer um esforço sobre-humano para mantê-las quietas. A esquerda está louca para tocar sua mão apoiada sobre a mesa e a direita mal pode esperar para adentrar seus cabelos negros e lisos para atrair seu rosto até o meu. E meus lábios... Ah! Esses estão aflitos! Tenho que mordê-los por um instante, a fim de conter o enorme desejo que se apoderou deles.

Engulo em seco e me pergunto se ela não está sentindo o mesmo. Se não está sentindo uma mínima vontade sequer de tocar a minha pele, de fazer uma carícia silenciosa e inocente que não prejudicará ninguém. Ninguém além de meu coração apaixonado.

Quero falar. Quero colocar pra fora de uma vez todas essas sensações guardadas com muito cuidado dentro de meu peito há dez anos. Quero implorar para que largue o marido de uma vez por todas e que dê uma chance para continuar o que começamos nos tempos de faculdade. Quero deixar bem claro o quanto estou disposto a sacrificar minha vida, se for necessário, apenas para fazê-la feliz.

Mas me calo. Como sempre.

Por respeito a ela. Pelo meu orgulho.

Pelo seu quase ex-marido. Pelos seus filhos.

Por uma infinidade de motivos que parecem crescer a cada dia de silêncio.

Me calo e continuo fingindo que tudo está bem. Que os olhares trocados são apenas de dois colegas de trabalho. Que nossas conversas sobre filosofia e vida são apenas palavras divididas por duas pessoas que se conhecem há mais de dez anos. Finjo que poderemos ser apenas isso: amigos. Amigos até o fim de nossas vidas.

Talvez um dia aconteça. Talvez um dia eu mereça ser o dono de seu sorriso, o alvo de seu olhar misterioso e profundo ou o colo de suas dores e aflições. Talvez um dia eu apareça na janela de sua casa, bêbado, com o propósito de explicar que tudo o que vivemos no passado ainda se faz presente dentro de mim. Talvez um dia eu pare o elevador ou cause uma pane na eletricidade apenas para dizer que ela é a mulher da minha vida. Que sempre soube disso desde o primeiro dia que a vi.

Mas não consigo. Não posso. Não devo.

Enquanto isso, enquanto nenhuma atitude era tomada e nenhuma palavra era dita, nossos encontros diários terminariam sempre da mesma forma: fingíamos que nada acontecia, trocávamos um último sorriso furtivo e nos afastávamos da mesma forma com que nos aproximamos pela primeira vez, dez anos atrás: *Sem palavras.*

11 de Novembro de 2013

SOBRE UM PEDIDO, UM TOQUE E UM CHAVEIRO

Eu o sinto andando atrás de mim.
Seus passos, seu cheiro, o jeito como seu chaveiro faz barulho pendurado na mochila.
Eu afasto minha mão do corpo, esperando que você a pegue.
Por favor, pegue-a.
Leve-me contigo por qualquer estrada.
Leve-me contigo mesmo que isto não leve a nada.
Só não a deixe pendurada.
Só não a deixe como uma peça do corpo desgarrada.
Já tenho espaços vazios suficientes. Não preciso de mais um.
Pegue-a nem que seja por pena, nem que seja apenas para levá-la até a esquina enquanto a minha palma beija a sua palma, enquanto nossas matérias se misturam.
Você pode salvar a minha vida com apenas um toque.
Já sentiu como se toda a sua vida dependesse de uma única coisa?
Eu já.
A todo tempo.
Minha mão permanece pendurada ao lado do meu corpo. Seus passos se aproximam cada vez mais.
Por favor.
Por favor.
Por favor.
Prometo não cobrar nada.
Prometo não cobrar sequer a pétala de uma flor.
Só me faça existir entrelaçando seus dedos bem aqui.
Seus passos chegam, mas seu toque não. Você passa por mim e então através de mim.
Vejo suas costas, sinto o seu cheiro e ouço o barulho de seu chaveiro pendurado na mochila.
Minha mão ainda está afastada do corpo, esperando que a você a pegue.

6 de Agosto de 2015

DO OUTRO LADO DO MURO

- Olha lá, Júlio! Aquele ali não é o Almeida?
 - Onde? – a mão enrugada largou a peça de xadrez para focar no dedo apontado do amigo. – Caramba, José, parece mesmo!
 - Parece nada, é ele! O que será que faz aqui? Ele não tinha recebido alta?
 - Ih, surtou de novo! Só pode!
 - Ei, Almeida! – chamou e assoviou. – Vem pra cá!
- Almeida lançou um olhar para a enfermeira num questionamento silencioso que foi respondido com um sinal positivo.
- O velho aproximou-se da mesa e recebeu o abraço dos antigos amigos.
- Perguntado sobre qual razão o havia trazido de volta ao hospício, ele respondeu:
- Fingi um acesso de loucura. – os amigos o olharam com surpresa. – Não foi difícil, toda a experiência neste lugar tornou tudo muito simples de ser feito.
 - Mas o sonho de todo mundo aqui é retornar para a vida do outro lado do muro. O que te fez querer voltar? – perguntou José.
 - Segurança. – Almeida sentou-se frente à mesa e mexeu uma das peças de xadrez, aplicando um impensado cheque-mate. – Vocês são felizes aqui e não sabem! Acreditem: o mundo lá fora está uma loucura!

12 de Outubro de 2015

O GIRASSOL

Numa manhã de primavera, um girassol abriu-se em flor pela primeira vez.

Quando os primeiros raios do sol tocaram suas pétalas, apaixonou-se. A luz atravessou suas folhas, passou pelo caule, até tocar a raiz e fez com que o pequeno girassol transbordasse de amor em cada pedaço de sua existência. Era recém-chegado à vida, mas o girassol já sabia que havia nascido, que fora criado para amar o sol e para sempre ser-lhe fiel.

Não havia outras flores ao redor. Era uma flor solitária que tinha florescido em um vasto campo verde com vista para a montanha. “Assim seria melhor”, ele pensou. Dessa forma poderia amar sozinho o sol e ser amado por ele, sem que nenhuma outra flor entrasse no caminho para competir. Durante todo o dia o girassol sentiu-se feliz para sempre. Seria eterno enquanto o sol existisse. O sol insistia em mudar de lugar, movimentando-se da direita para a esquerda lentamente, afastando-se cada vez mais da flor apaixonada. Mas o girassol, insistente, seguia seu rastro movendo também seu centro da direita para a esquerda, sem deixar o amado sair de vista. Entretanto, apesar das tentativas, o sol parecia escapar-lhe cada vez mais, indo em direção à montanha. Então, foi desaparecendo de pouquinho em pouquinho, até deixar somente um rastro de luz amarelada que contornava a imperiosa montanha.

A brisa gelada trouxe consigo o crepúsculo. O girassol, agora doído e desesperado, não podia mais seguir o sol. Sua luz havia desaparecido por detrás da montanha e era impossível correr até o outro lado para ver onde o seu amado havia se escondido.

O girassol tentou falar, pedir para que o sol ficasse, para que não o deixasse... mas não tinha voz. Era uma planta inútil, presa à terra, alma solitária em um terreno intocado por mãos humanas. O sol era sua única esperança de vida. Se o sol não estava ali, não poderia mais existir.

A noite apareceu por completo quando toda a luz do sol foi substituída pelo brilho das estrelas. O girassol, triste e desolado, curvou-se, encarando a terra que o aprisionava. Seu corpo não era mais preenchido de luz, de calor, de nada. Era uma flor vazia, sem propósito de existência, sem ter para quem mirar o seu centro. A tristeza do girassol arrebatou-lhe, enfraqueceu-lhe as pétalas, que caíam uma por uma sobre o campo verde, que assistia ao desespero da enamorada flor sem nada poder fazer.

Durante toda a madrugada, o girassol foi definhando aos poucos, desprendendo-se de si mesmo, desprendendo-se da vida. A cruel solidão da noite o desmanchou em fragmentos com suas mãos frias e impiedosas. Olhando uma última vez para a montanha que escondeu o seu amado para sempre, o girassol deixou-se terminar pela escuridão que o devorou.

O vento veio recolher os seus restos e os levou pelos ares, carregando sua alma em direção ao desconhecido. Agora, sobre o vasto campo verde em uma madrugada de primavera, não havia mais nenhuma flor.

Quando o sol voltou a nascer na manhã seguinte, pronto para ser adorado pelo girassol apaixonado, ele não estava mais ali para recebê-lo.

25 de Outubro de 2023

CIDADE DO VENTO [VERSÃO 2023]

Eu tive um sonho. O mais belo de todos. O mais estranho de todos. Mas principalmente, o mais verdadeiro de todos.

Andava por uma longa estrada, sem caminho e sem rumo, parecia que eu estava em busca de algo, ainda que não soubesse certamente o quê.

Uma leve brisa soprava meus cabelos, empurrando-os para frente. Era como se o vento estivesse me dizendo para continuar nos momentos em que eu tinha vontade de desistir. Estava sendo empurrado, guiado para algum lugar. Para alguém.

E então, escutei uma voz.

Um sussurro.

Era como se o vento estivesse falando comigo.

Era como se o vento estivesse me chamando.

Assim que abri os olhos ao despertar, decidi seguir esse vento. Há sonhos que não são simplesmente sonhos e sim algum aviso para mudarmos nossa forma de ser ou de viver. E estava na hora de pegar a estrada. A estrada da qual havia sonhado. E deixar que o vento me guiasse.

Com uma mochila nas costas e sem esquecer das pessoas que estava deixando para trás, dei o primeiro passo para sair de casa. Estava em busca de algum maravilhoso mundo novo ou de alguma nova canção para minha vida tocar.

A verdade é que eu estava em busca da vida. E só poderia encontrá-la se fosse atrás do movimento.

Um convite bate à nossa porta todos os dias. Um convite invisível, talvez também incompreensível, mas que está ali. Porém as pessoas não veem, viram a cara, têm medo. Elas não querem sair da rotina. Porque o desconhecido é um terreno bastante perigoso.

Eu atendi ao convite da vida. E estava à procura da felicidade.

Durante o caminho encontrei muitas pedras. Enfrentei muitas tempestades, passei fome e sede. Lutei contra dragões perigosos e andei sobre o mar. Saltei até segurar uma nuvem em minhas mãos e, ao prová-la, vi que era mesmo feita de algodão doce.

Cumprimentei fadas, lutei ao lado dos elfos e ajudei aos duendes reestruturarem uma floresta destruída pelo fogo da ganância e do poder.

Andei mais por vários dias. Em uma noite de exaustão e desânimo, me deitei sob as estrelas, pensando que tudo tinha sido em vão. Por que eu, aquele típico ser humano que está sempre querendo mais do que pode ter, ainda não estava satisfeito? Por um momento a razão falou mais alto e pensei que talvez fosse uma completa loucura largar a minha vida para buscar algo que eu nem mesmo sabia o que podia ser. E entre pensamentos abatidos e desesperançosos, adormeci.

Sonhei com anjos. As nuvens – que eram mesmo de algodão doce – estavam repletas deles, vestidos com suas túnicas brancas e abençoados com as auréolas em suas cabeças. Todos me observavam, enquanto eu seguia deitado na relva, encarando todo aquele público que me olhava. De repente o menor dos anjos saiu detrás das nuvens, com algo em sua mão. Era uma criança, que descia dos céus para me dar um presente.

Eu não conseguia me mover. Estava entorpecido por toda aquela áurea angelical. A menina loira e de cabelos cacheados colocou algo entre minhas mãos. Mas era invisível.

Ela me deu um beijo e me disse: *“Siga a rosa branca”*.

E então partiu. E eu acordei.

O vento soprou no instante em que abri meus olhos. O vento outra vez. Ele me passava as mensagens, ele me impulsionava a continuar.

Peguei novamente minha mochila e reconstruí os sonhos e as esperanças. Se eu já havia percorrido tanto, deveria ter algum propósito. Ninguém recebe tantos sinais se não for para segui-los. E eu seguiria o meu destino.

Parei de contar os dias, as horas, os minutos, pois tudo isso atrasa a vida. Deixei o sopro do vento me conduzir para o caminho certo, acompanhei seu rumo e prossegui sem medo. O que interrompe

a estrada de alguém não são as tempestades ferozes ou o sol escaldante. É simplesmente o medo. E eu fiz questão de mantê-lo bem longe de mim.

Uma canção de amor sussurrava em minha mente quando pisei no primeiro paralelepípedo. Só então notei que a estrada arenosa havia acabado e que havia chegado a algum lugar. Levantei meu rosto e pude ver uma cidade à minha frente, com um arco-íris circundando-a devido à leve chuva que havia caído junto com o sol que escalava o azul do céu aos poucos.

“Seja bem-vindo à Cidade do Vento”

A inscrição na placa de madeira fixa na entrada fez meu coração saltar.

Eu tinha seguido o vento. E ele havia me trazido até aqui.

Como mágica, o vento começou a soprar em minhas costas e eu avistei, na primeira casa onde minha visão conseguia alcançar, uma mulher sentada em um pequeno banco. Meus olhos não conseguiram desviar para outro lado e percebi quando ela me avistou também. Mesmo de longe, pude ver um lindo sorriso se abrir em seu rosto. Ela veio caminhando até a mim, com seus cabelos balançando pelos ares e, quando se aproximou, vi que tinha algo em sua mão: *uma rosa branca*.

Naquele momento meu peito encheu-se de um ar mais puro, de uma felicidade indescritível.

Nunca a tinha visto em minha vida. Mas a conhecia de muito antes.

— Estás aqui. Finalmente. – disse com a voz baixinha, quase como num sussurro, e sorriu em seguida.

— Estava esperando por mim? – indaguei.

— Você não faz ideia de quanto tempo te esperei.

— E você não faz ideia do que eu fiz para te achar.

E então ela segurou minha mão como se não pretendesse mais soltá-la. Mesmo não tendo se apresentado, eu a conhecia. Porque não são necessários nomes para identificar alguém. Mesmo que se passem vidas ou eras, quando se trata de um reencontro, a gente sempre sabe.

E sentindo seus dedos se entrelaçarem aos meus, me conduzindo para dentro da Cidade do Vento, percebi, com um enorme alívio e conforto no peito, que havia conseguido alcançar meu objetivo.

Tinha encontrado o meu lugar.

Finalmente.

Eu estava em casa...

27 de Outubro de 2023

TEXTOS

A GRAVIDADE

Eu lutei contra a física durante toda a minha existência.

Não só na escola, naquelas provas intermináveis com fórmulas intragáveis. Lutei contra a física fora de uma folha de papel também.

Quando era criança, tentava me agarrar naquelas barras de exercícios que estão presentes em qualquer espaço recreativo. Lembro quando pegava impulso e pulava, agarrando com minhas pequenas mãos as barras de ferro pintadas de verde. Eu segurava com toda a força, firmemente, sentindo o milagre que era ter meus pés alguns centímetros acima do chão. Apenas ficava lá, querendo, desejando, ansiando continuar suspensa no ar.

Mas não durava muito.

Em três segundos ou menos, minhas mãos escorregavam. Eram incapazes de sustentar o peso de meu corpo por mais tempo. Então eu caía, sempre caía, e era incrivelmente frustrante. E tentava de novo, e de novo, e de novo, e de novo, até meus dedos ficarem vermelhos e a tinta da barra grudar em minhas mãos suadas.

Mas era tudo igual, era sempre o mesmo.

Eram apenas 3 segundos até a gravidade me vencer.

E caía.

Sempre quis voar.

Sempre tive medo de altura.

Sempre me vi presa nesse paralelo do querer e não poder, de desejar e não ter coragem de tentar.

Mesmo que voar seja incrível, o céu fantástico e o vento favorável, o sonho é impossível.

Para os seres humanos é impossível.

Não só pelo fato de não possuímos asas como as águias que bailam sob o azul celeste do firmamento, causando inveja aos nossos olhos de bípedes.

Mas pela gravidade. Sempre pela gravidade.

Ela está presente, a postos para destruir o meu sonho alado.

E, de novo, eu caio.

E de novo é irritantemente frustrante.

Os anos passaram.

Sou adulta agora.

O corpo mudou, o mundo mudou.

Mas o sonho de voar permanece.

E a gravidade também.

Ela estará sempre aqui, onipresente, esperando com ansiedade minha próxima tentativa de ficar por mais de 3 segundos com os pés fora do chão.

Não importa o quanto eu tente segurar nas barras de ferro, não importa o quão alto meus pés saltem de um lugar para outro, sua força invencível estará pronta para me derrubar.

Não importa no que acredite, o quanto sonhe, o quanto deseje, ela me puxará para baixo.

O avião não conta, o avião não é nada.

Não quero apenas me descolar, eu quero voar!

Quero sentir o vento batendo em meu rosto, quero olhar para baixo sem temer cair, quero estar suspensa junto ao azul celeste sem que nada e nem ninguém possa me impedir.

Quero voar pelo simples fato de estar no ar, sem que a gravidade use seus dedos pesados e cruéis para me trazer de volta ao chão.

Quero simplesmente estar lá!

Oh, Deus!

Quero simplesmente voar!

O sonho de Ícaro sempre fez parte de meus anseios oníricos.

Divididos por mais de 2 séculos, unidos pelo mesmo desejo.

Mas toda boa história possui o seu perverso vilão.

O de Ícaro foi o sol.

O meu é a gravidade.

6 de Fevereiro de 2024

ASSUMA!

Vamos lá, tire a máscara!

Vamos viver, vamos aparecer!

Será que não está cansada de tanto se esconder?

Assuma seus cabelos cacheados, seus cabelos crespos e também os armados.

Assuma as sardas em seu rosto, as ruguinhas ao redor dos olhos e as covinhas quando sorri.

Assuma aquela celulite, aquela estria, os quilinhos a mais que cismam em concentrar-se em sua barriga.

Assuma suas emoções, os afetos, as decepções.

Assuma seus sentimentos: tanto para os outros, como para si mesma.

Assuma suas dificuldades, sua falta de sanidade e até mesmo sua paixão pela liberdade.

Você merece ser amado de verdade!

Todos merecemos.

Então por que continuamos com toda essa falsidade?

Assuma! Assuma agora!

A partir de hoje. Todos os próximos dias.

Assuma seus anseios, seus sonhos, seus desejos, mesmo que não sejam aprovados por alheios.

Assuma suas paixões, suas tradições, suas contradições.

Assuma agora! Assuma sem receios!

Será que não está cansada de tanto se esconder?

Assuma de vez os seus defeitos.

Antes que eles sumam de vez com você.

5 de Março de 2014

SOU MULHER

Sou mulher.

Nasci do ventre de uma heroína que usou de toda a sua força para me colocar no mundo.

Sou rainha, sou guerreira.

Sou amante, sou patroa.

Sou cantora de chuveiro, atriz no palco da vida, gerente de minhas emoções e escritora de meu próprio caminho.

Sou mulher.

Tenho um homem na minha vida, mas não preciso de um homem pra viver.

Entendo de futebol, sou capaz de trocar um chuveiro e manejo muito bem um carro como manejo o fogão.

Sou mãe, avó, neta, tia e sobrinha.

Sou mulher.

Trabalho, estudo, limpo casa, faço comida e tudo isso num só dia.

Tenho TPM, troco de humor como troco de roupa, o chocolate é meu melhor amigo e a balança minha pior inimiga.

Não sou sexo frágil.

Sangro todo mês, carrego por nove meses um bebê dentro da barriga, tenho que lidar com gracinhas ofensivas na rua e ignorar os olhares que veem meu corpo apenas como um objeto.

Quero igualdade de direitos, que me enxerguem como competente e que não tenham receio de dizer o quanto sou inteligente.

Quero trabalhar com dignidade, ser reconhecida de verdade e desejo que parem de subestimar a importância da maternidade.

Quero o mundo. Quero o mundo ao qual tenho direito!

Sou mulher.

Sou mulher hoje, amanhã e sempre.

E mereço respeito.

8 de Março de 2014

DIGA-ME QUE VOCÊ IRÁ ABRIR OS OLHOS

Vejo seu corpo caído, os ombros abaixados. Os olhos – um dia tão brilhantes e inspiradores – agora se fecham em nuvens de lágrimas. Seus lábios murmuram que a vida aconteceu. Agora você vê os monstros que se escondiam embaixo de sua cama refletidos nos olhos das pessoas à sua volta. Não há lugar para fugir, não há lugar para ir.

Você se diz que não tem mais forças, que parece difícil até de respirar. Como se salvar, como escapar se parece não haver abrigo em nenhum lugar?

A saída existe, existe sim. Você apenas precisa enxergar.

Vamos, garota! Levante-se! Não tenha medo do ridículo! Vá em frente, meta a cara, não hesite em sujar as mãos e deixar o trabalho feito! Ridículo é se esconder entre quatro paredes até que a forte chuva passe. Ela é fria, pesada e assustadora, mas eu garanto uma coisa: ela não mata.

Diga o que você quiser dizer, faça o que você quiser fazer. Desde que não machuque a ninguém, é válido. E se machucar a si mesma, é aprendizado. As pessoas irão apontar e criticar se você fizer isso. E elas também irão apontar e criticar se você não fizer, se tentar agradá-las, segui-las e juntar-se a seu maquiavélico mundo. É inerente ao ser humano julgar, criticar e falar e falar sem parar. Não importa o quanto você se esforce, não importa qual caminho escolher trilhar, vai acontecer. acredite, eu já tentei. E por muito tempo. Já estive em seu lugar exatamente como agora. E esse é o melhor conselho que eu posso dar: siga sua intuição, mesmo que eventualmente ela a coloque em uma rua sem saída. É apenas a vida te obrigando a usar sua massa encefálica para que desafie a gravidade, para que desafie o que os mediócras chamam de realidade, e aprenda a voar. É a vida obrigando-a a usar os músculos, para que quebre inúmeras paredes até encontrar a estrada que a leve onde você precisa estar.

Siga sua intuição, não importa o que digam. Porque trair os outros é muito errado, mas trair a si mesma é imperdoável.

E cada vez que sentir o desespero chegar, antes de debruçar-se sobre a janela e gritar por um super-herói, nunca, jamais se esqueça de antes olhar-se no espelho. É em seu reflexo que você encontrará toda a salvação que precisa.

10 de Maio de 2014

HEY BEAUTIFUL!

Para Nayara M., Michelle G. e Samantha S.

Hey, beautiful!

Por que seus olhos se veem tão tristes? Por que tem deixado o mundo derrubá-la desta maneira? Acaso já se esqueceu do quanto você é forte? Acaso não sabe o quanto é uma garota de sorte?

Hey, beautiful!

Não carregue o mundo sobre suas costas. O seu corpo foi criado para exercer grandes realizações, para viver, para aprender, para propagar o seu saber. Então por que você ainda o está usando para abarcar as dores e os traumas de todos os que já cruzaram o seu caminho?

Hey, beautiful!

Já se olhou no espelho hoje? Já reparou o quanto você é linda, forte e um exemplo para aqueles que a amam e a admiram? Tire este momento para olhar o reflexo de seus próprios olhos. Perceba quantas lágrimas eles já choraram, quantas imagens eles já visualizaram, para que você pudesse chegar até aqui. Perceba o quanto você já superou e repare na pessoa que é nesse momento.

Tire de uma vez por todas o holofote dos momentos traumáticos e reposicione a luz para todos os momentos em que você nasceu e cresceu. Não é lindo tudo o que você passou para chegar até aqui? Vai parar agora? Vai desistir agora?

Hey, beautiful!

Você não está sozinha. Olhe ao redor e veja quantas pessoas permanecem ao seu lado. Perceba o quanto elas a amam e o quanto estão dispostas a fazer o que for pela sua felicidade. Nunca se esqueça disso.

Se você já sabe de todos esses fatos, o que ainda está fazendo aí? Saia de casa, caia no mundo, quebra a cara e sempre acredite que existe uma boa razão para amar novas pessoas, por mais que outras no passado tenham lhe dado todos os motivos do mundo para não fazê-lo.

Não tenha medo da dor. Se você está aqui, se chegou até aqui, foi por causa dela. Não há crescimento sem dor e não há vida sem crescimento. Essas três palavras estão interligadas desde o início dos tempos. Não há como fugir.

Feche os olhos, respire fundo e jamais se canse de correr atrás de sua felicidade. Ela pode estar muito mais perto do que você imagina.

18 de Setembro de 2014

HOMENS SEM PÁTRIA

Um homem não é um homem sem sua pátria.

Não passa de um corpo cambaleante por ruas, por sinais, atravessando mapas, cruzando fronteiras, sem nunca encontrar sua paz.

O homem sem pátria é um incapaz.

Incapaz de encontrar-se, de olhar-se no espelho e reconhecer quem se tornou. Nenhum homem é o mesmo com a recordação da terra que abandonou.

O homem sem pátria se debruça sobre músicas de sua antiga região, mantém deliberadamente o sotaque, vive de fotografias e memórias esparsas, mas nada disso passa de algo que já foi tão concreto e real.

O homem sem pátria é uma farsa.

Ele pode perder a mulher amada, os pais, os amigos e ver-se em completa solidão. Mas nenhuma dor é uma dor maior do que a do homem que não sente seus pés sobre o próprio chão.

O vazio que sente um homem sem pátria sequer tem comparação.

Nesta terra mecânica, em plena era eletrônica, pertencemos à casas, não a lugares; pertencemos a aparelhos que nos transportam magicamente a um novo sítio num clicar de dedos. Mas o vazio, essa sombra invisível que por todo organismo se espalha, permanece, permeia; não importa o que nossos olhos encontrem, nada é o bastante se aquilo o coração não anseia.

Somos todos homens sem pátria, sem chão, sem lar. Vagamos pelo mundo em questão de minutos, entretanto, não pertencemos a nenhum lugar.

Somos todos 7 bilhões de homens sem pátria... E ainda não descobrimos para onde queremos retornar.

4 de Março de 2015

EU VEJO VOCÊ

Para todos aqueles que conseguem enxergar além.

Olhe para mim. Você me vê?

Me olhe, não tire os olhos... Eu preciso viver.

O mundo está correndo, está correndo sem parar. Eles não estão vendo; não sei por quanto tempo mais poderei aguentar.

Olhe para mim. Você me vê?

O que você vê?

Meu corpo, minha pele, o meu não ser?

Olhe para mim! Me enxergue, me atravesse, não me deixe sumir assim!

O mundo está correndo, está correndo sem parar.

Pessoas, carros, ônibus, trens, barulho, mais pessoas, mais ônibus, mais barulho, mais entulho, mais tudo, mais tudo e mais nada.

O mundo está correndo e permaneço aqui parada.

Por favor, olhe para mim! Me diga, o que você vê?

Eu sou alma, fluidos, matéria, energia, mais fluidos, sentimentos, mais alma, muita alma, tanta alma, tanta, tanta que me perco em meu próprio corpo. Me diga se você me enxerga antes que eu vire sopro!

Sou alguém, sou ninguém, pouco alguém, pouco nada, quase ninguém. Olhe para mim e por favor, por favor, por favor, enxergue mais além!

Por favor, por favor, por favor...

Não quero mais ser só pavor!

Olhe para mim.

Isso... assim.

Agora estamos aqui frente a frente.

Agora estamos aqui com o olho no olho; permanente.

Junto minhas mãos, ajoelho sobre o chão, pergunto em delicada súplica: "Afinal, o que você vê?"

É quando a salvação me encontra em sua doce réplica: "Eu vejo você."

6 de Abril de 2015

PELE FINA

Minha pele se parte com um simples toque de papel.

Meus pés sentem o chão chacoalhar com o caminhão barulhando lá fora.

Eu sinto tudo e tudo me adentra. É defeito de nascença: não há como escapar.

O latido de um cachorro faz tremer as folhas de um jornal em minhas mãos.

Palavras agressivas me perfuram e caminham pelo meu sangue dias e dias a fio. Apenas gotas geladas de chuva conseguem desintegrá-las.

O cheiro das ruas de uma cidade grande expulsam de minha mente qualquer rastro de coisa bonita.

E a rejeição, é verdade... Já foi capaz de tirar-me a vida!

Ser pele fina num mundo feito de atirar paus e pedras me deixa sem ar. Mas é a mãe lua na madrugada que chega, abraça, afaga e nina o meu sonhar.

Sou dominada por medos e sonhos. É um cabo de guerra constante onde cada dia tem um vencedor diferente.

Caos, fumaças, dores, antigas casas, palavras más de uma ex-boa amiga, o olhar que por aqui não cruzou, aqueles que aqui estiveram e apenas na memória restaram...

Tudo, todos e mais um pouco me compõem.

Sou feita de vazios e milhões de mundos. Num dia sou um; noutro sou dois.

Quantas coisas, fatos, sombras e pessoas ainda me atravessarão?

Não sei... Não sei a resposta.

No futuro serei esse amálgama de tantas coisas que acabarei explodindo em pó... Ou em palavras.

28 de Setembro de 2015

FOTOGRAFIA

Eu vi você me vendo. Duas vezes.

Que coisa estranha é essa de sentir-se invisível.

Quando olhos te enxergam, em fração de segundos, sem querer, é como um pequeno renascer.

“Será que é agora?”

“Será que é pra valer?”

“Será que meus olhos realmente viram ou apenas enxergaram o que meu coração quer crer?”

Acredito que foi um acidente. Um sutil deslize. Eu fazia parte da paisagem e seus olhos estavam apenas fotografando o ambiente.

Agora, não devo ser nada mais do que uma imagem emoldurada e guardada em algum canto longínquo de sua memória.

Mas e eu? Como retornar ao meu não ser?

Sou tão pouco, sou quase nada, e não sei como lidar com esse muito que seus olhos cismaram em oferecer.

Você me fez de imagem e essa imagem eu não consigo esquecer.

Por quê?

Não sei. Eu juro que não sei.

Mas quero que continue me vendo.

Quero que seus olhos continuem esbarrando no pequeno acidente da minha presença.

Para que eu possa existir. Para que eu possa sentir.

Desde que você me fotografou, não me sinto fantasma.

Não sou mais um pedaço de etéreo flutuando pelo espaço.

Sou feita de carne, sou feita de ossos.

Já não sou mais feita de destroços.

20 de Outubro de 2015

DESCULPE, MAS NÃO POSSO SAIR ESSA NOITE

Eu preciso lhe comunicar a minha ausência no dia de hoje. Estou certa de que sua festa será ótima e espero que todos se divirtam muito, mas eu não posso sair esta noite. E não é que eu tenha outro encontro ou outras coisas para fazer... Sendo sincera, eu tenho sim muitas coisas para fazer, todas as noites, todos os dias, a todo o tempo, é só que... não consigo.

Veja, eu pareço estar de pé, me movendo um pouco pra cá, andando um pouco pra lá, mas apenas pareço. A verdade é que na maioria das vezes, quando as cortinas estão fechadas e as portas trancadas, estou deitada e nem um osso em meu corpo se move. Tudo está tremendo. Meus pensamentos não param de correr por todos os lados e correm e correm e correm e correm e meu corpo não consegue acompanhar a corrida. Estou deitada, mas meu coração bate, bate, bate contra minhas costelas e vai minando aos poucos qualquer controle respiratório que eu tente fazer para manter tudo aqui dentro no lugar.

Poderia tentar me entender? Não?

Vejo seus olhos me julgando. Eu sei que você foi criado para a ação, para a criação, aliás, não fomos todos? E eu sei que você nunca sentiu seus órgãos tremendo, suas mãos chacoalhando e sua boca tão seca a ponto de fazer-lhe pensar que você irá morrer de sede a qualquer momento e eu entendo que é difícil de entender por que isso acontece quando nada aconteceu de verdade. Está tudo na minha cabeça, aqui dentro, mas não consigo tirá-lo com minhas mãos fracas.

Como se sente ser normal? De verdade, diga-me, como se sente ser uma pessoa que sabe ser pessoa?

Me ensinaram muitas coisas na escola e no núcleo familiar, mas não me ensinaram a ser pessoa. Não me ensinaram a me divertir como todo mundo, a dançar como todo mundo, a paquerar, respirar, viver, essas coisas, essas coisas simples da vida. Eu não sei quando foi que algo começou a dar errado, mas deu. Simplesmente deu e agora... Agora não sei. Ninguém sabe, eu acho. Então eu sento aqui e espero até que alguém saiba, até que alguém me dê uma pílula milagrosa que vai conectar algo desconectado em meu cérebro e então serei vocês, então serei como todos. Mas até lá, meu Deus!, até lá eu não sei...

Não sei de nada e só "não sei" sei dizer. Desculpe, eu queria ter algo mais a dizer, algo mais a justificar, mas adivinha? Pois é, eu não sei...

Então desculpe o transtorno, desculpe a avalanche de confusão, desculpe privar-lhes de minha presença (ainda que eu sinceramente acredite que todos vocês estarão melhor sem mim, Deus sabe, eu estaria melhor sem mim...), desculpe estar falando assim tão em cima da hora, mas é que acreditei até o último minuto, acreditei que dessa vez conseguiria, mas hoje ainda não dá pra mim. Desculpe, mas eu realmente não posso sair esta noite.

Preciso de mais tempo, ainda que não tenha certeza pra quê exatamente eu preciso.

Fica pra próxima, quem sabe não estarei bem até lá? Quem sabe então não aprenderei a ser alguém, a ser pessoa e tudo aqui escrito vai ficar para trás como um texto de ficção de um personagem de alguém?

Quem sabe, não é?

Eu não sei.

Mas espero um dia saber.

15 de Dezembro de 2016

BRANCA DE NEVE NA FLORESTA

Estou entrando em uma floresta, uma floresta de pedra. Ouço o barulho dos saltos sobre o chão de mármore e em meu peito apenas o silêncio. Nenhum ar entra, nenhum ar sai. Estou entrando na floresta e não consigo pensar.

Olhos me miram, me esperam e aguardam. As palavras que mantive alinhadas por toda a noite agora são redemoinhos na cabeça. Estou entrando na floresta, os saltos batem e batem, não penso e a consequência é não saber o que dizer.

Olhos me miram, muitos olhos, por todos os lugares, por todas as partes. É um pesadelo ao vivo e a cores. Olhos bravos, semicerrados, olhos que me observam e esperam, olhos que me desesperam.

Não sei o que acontece, apenas acontece. Me coloco na frente, estico a coluna, “tudo está bem”, eu digo, “tudo está bem”, está bem, não, não está nada bem.

Não sei o que acontece, apenas acontece.

Não sei... Não sei.

Quero gritar, mas não faço nenhum som. Quero fugir, mas minhas pernas tremem demais para que eu possa dar qualquer passo sem cair. Mãos invisíveis apertam meus ombros, os olhos me miram, meu Deus, será que estão percebendo?

Olhos me miram e não sei, não sei!

Estou aqui e agora? Estou aqui e, meu Deus, só quero sair!

Solto uma risada (sempre o riso dissimulado!) e sigo em frente. Tudo está bem, está, se não está, vai ficar. Solto as palavras presas, jogo o redemoinho para a plateia confusa. Eles que peguem as palavras, eles que as organizem em fila indiana, que façam algum sentido disso. Eu não sei mais o que faço, apenas faço. Já não sou gente, já não sei o que sou, talvez uma máquina emitindo um som arranhado, prestes a dar defeito (acho que já dei...). Apenas termino a tarefa com sorriso de miss e uma piada impertinente.

O barulho dos saltos sobre o chão e meu peito em chamas. Saio da floresta, mas o pavor não sai de mim. Me escondo no canto, a vida segue, os olhos desviam, uma outra pessoa entra na floresta e as palavras saem em fila indiana (me pergunto se ela também está em chamas).

A vida segue, mas eu não.

Eu parei aqui.

17 de Outubro de 2017

E SE?

E se eu parasse de sentir medo?

E se eu abrisse a gaiola, saísse para o mundo, se abrisse meu peito, se respirasse mais fundo?

E se eu vencesse meu pavor de pessoas, se pisasse mais forte, se cantasse mais alto, se falasse o que penso sem temer os olhares, sem me importar com os lamentos?

E se eu acreditasse que sou inteligente (o bastante), que tenho talento (o bastante), que posso sonhar e realizar, que posso seguir, conseguir o que quero, o que preciso, o que mereço?

E se eu largasse essa necessidade de aprovação, a obsessão em ser amada – por tudo, por todos – e se eu olhasse no espelho e visse alguém que vale a pena?

E se eu pudesse perdoar meu pai, e se eu pudesse recompensar minha mãe -por tudo, por todos -, e se eu pudesse largar essa culpa por nunca conseguir ser o brilho nos olhos dos outros?

E se eu pudesse sobreviver de arte, sobreviver de letras, se pudesse dizer a verdade, a minha verdade, sem precisar me esconder para evitar sofrer – por tudo, por todos -, e se eu pudesse ser quem eu nasci para ser? (Esconder só aumenta o sofrer)

E se eu pudesse finalmente começar a viver?

E se?

28 de Julho de 2018

SÃO TEMPOS DIFÍCEIS PARA OS SONHADORES, MAS...

São tempos difíceis para os sonhadores.

Tudo o que falo, tudo o que digo são palavras em direção a um propósito maior. Não há mais histórias, poesia, sonhos, fantasia. Agora só há espaço para luta, para o sangue, para o grito pela vida!

São tempos difíceis para os sonhadores e aqueles que acreditam num mundo melhor. Se o mundo já foi melhor antes, por que não pode voltar a ser?

Por quanto tempo mais teremos que lutar até que todos os seres humanos se enxerguem como humanos?

É muito cansativo, me sinto exausta... está difícil respirar.

Sinto falta de sonhar. Sinto falta de ver imagens em minha cabeça que falavam de amor, de perdão, de superação. Os personagens que batiam à minha porta e diziam "hey, conte minha história!". Mas até eles se esconderam e tremem de medo. Ninguém mais quer contar histórias. Agora só o medo reina, a ansiedade, a falta de ar constante, os olhos pesados de tantas palavras envenenadas, de tantas imagens de violência e desespero.

São tempos difíceis para os sonhadores. Mas os sonhos são nossa única arma. Nosso único meio de acabar com a violência, com a opressão, com o ódio que vem disfarçado de justiça. E se há sangue, não é justiça: é vingança.

São tempos difíceis para os sonhadores, mas de alguma maneira estamos aqui.

Se não estivermos, quem estará?

Como Atlas, somos nós que sustentamos o mundo, é por nós que tudo ainda gira, que a semente ainda cresce, que a luz se espalha, que a palavra floresce. Mesmo com as pernas bambas, com as mãos trêmulas, com o coração apertado, estamos aqui. E vamos continuar...

Tenhamos força, sonhadores! Unamos as mãos, os corpos, as palavras, os sonhos!

É tempo de lutar!

Se nós não florescermos, quem florescerá?

Se nós não criarmos, quem criará?

Se nós não sonharmos, quem sonhará?

Quem sonhará, amigos? Quem sonhará...?

10 de Outubro de 2018

NÃO MAIS “E SE?”

Eu parei de sentir medo.

Eu abri a gaiola, saí pro mundo, abri meu peito e respirei mais fundo.

Estou vencendo meu pavor de pessoas, agora piso forte, canto mais alto, agora falo o que penso, não temo os olhares e tampouco me importo com os lamentos.

Agora acredito que sou inteligente (o bastante), que tenho talento (o bastante), sonho e realizo, agora eu sigo, consigo o que quero, o que preciso, o que mereço.

Larguei a necessidade de aprovação, a obsessão em ser amada – por tudo, por todos – agora eu olho no espelho e vejo alguém que vale muito a pena.

Estou buscando perdoar meu pai e recompensar minha mãe – por tudo, por todos – e já não existe nenhuma culpa, pois me vejo como o brilho nos olhos dos outros.

Sobrevivo de arte e de letras porque é o que sou, o que eu respirei, e com isso digo a verdade, a minha verdade, e finalmente não preciso me esconder para evitar sofrer – por tudo, por todos –, pois já entendo quem eu nasci pra ser (não quero nunca mais me esconder).

Entendi o esplendor que há em viver.

E não quero nunca mais viver de “e se?”

4 de Fevereiro de 2020

SOBRE A AUTORA



Evelyn Marques nasceu e cresceu na capital do Rio de Janeiro, mas tem alma de mineira. É escritora, historiadora, revisora e tradutora. Autora do livro de contos “Essas Mulheres”, do romance “Need” (Amazon – 2022), e co-autora dos livros “Passado em Caleidoscópio: Versões Quadrinizadas da Independência do Brasil no Sesquicentenário e Bicentenário” e “O Dia a Dia da Independência”. Desde 2011 publica seus contos, textos, poemas e outros escritos no blog Sonhos de Letras. Possui um canal no Youtube onde narra histórias breves de sua própria autoria e também de autores que inspiram o seu trabalho.

REDES SOCIAIS

Instagram: [@evelynmarquesescritora](#)

Blog: sonhosdeletras.com.br

Youtube: [@deixemecontarumahistoria](#)